

As Experiências Sensoriais na Obra de Hélio Oiticica: Teoria e Prática

The sensory experiences in the work of Hélio Oiticica: Theory and Practice

SONIA MONEGO*

Artigo completo submetido a 7 de maio de 2016 e aprovado a 21 de maio de 2016.

*Brasil, arte educadora. Graduação em Educação Artística — Artes Plásticas pela Universidade Federal de Santa Maria no Rio Grande do Sul, Brasil (UFSM). Mestrado em História pela Universidade de Passo Fundo, Rio Grande do Sul, Brasil.

AFLIAÇÃO: Universidade Comunitária da Região de Chapecó, Curso de Artes visuais, Área de Ciências Humanas e Jurídicas. Av. Senador Atilio Fontana, 591-E EFAPI — CEP: 89809-000, Caixa Postal: 1141 Chapecó — Santa Catarina — Brasil. E-mail: sonia@unochapeco.edu.br

Resumo: A arte possibilita diferentes reflexões, os artistas têm a liberdade de se expressarem utilizando diferentes linguagens e materiais. Partindo deste pressuposto, apresentaremos com este artigo intitulado “As experiências sensoriais na obra de Hélio Oiticica: Teoria e Prática”, o resultado de uma proposta de ensino aprendizagem envolvendo crianças do Ensino Fundamental na disciplina de Estágio em Artes Visuais da Unochapecó — SC.

Palavras chave: Hélio Oiticica / Brincadeiras / Sentidos / Educação.

Abstract: *The art allows different reflections. artists have the freedom to express themselves using different languages and materials. Under this assumption we present with this article entitled “The sensory experiences in the work of Hélio Oiticica: Theory and Practice”, the result of a leaning and teaching proposal involving children of elementary school in the discipline of Visual Arts in Stage of Unochapecó — SC.*
Keywords: *Hélio Oiticica / Play / Directions / Education.*

Introdução

Os novos conceitos de comunicação e interação com a arte, remetem muito a uma categoria inovadora e que já vem a algum tempo sendo adotada, dando a oportunidade de se sobressair a um mergulho recente sobre a história e expansão de novas noções artísticas, de forma, de abordagem, de criação e de estética. Nos anos 1950 surge a expressão pós-moderna, devido as profundas transformações mundiais ocorridas no início do séc.XX, em que as tecnologias e os avanço da ciência e da comunicação, fizeram o pensamento da humanidade se voltar para o novo, para algo mais contemporâneo, “ (...) o universo da arte expande-se, e, definitivamente, a esfera da arte ultrapassa a auto-referencialidade moderna, voltando-se para o mundo real” (Freire, 2006: 9), em que os conteúdos políticos, antropológicos e institucionais dominam na arte, “(...) As ações, situações e performances espalham-se pela cidade, misturando os pólos da criação e recepção da arte, e a figura do artista se dilui” (Freire, 2006: 10).

Neste contexto, apresentaremos o artista Brasileiro Hélio Oiticica que amplia o campo de produção para além da pintura-quadro e realiza trabalhos envolvendo os sentidos, provocando a participação do espectador. O experimentar e o adentrar para a obra, voltado para a questão da aisthesis, “(...) que envolve todo o corpo no sentir, um sentir que dá por todos os poros, mas também pelos ouvidos, pelo tato.” (Medeiros, 2005: 38).

As expressões do corpo no trabalho desenvolvido de Oiticica, ampliam a instabilidade do objeto, estendendo os gestos e ações do participante/espectador e abrindo espaços, enfatizando sensações na totalidade dos sentidos, transformando comportamentos e dando nova forma simbólica a sua poética. Partindo destes conceitos, apresentaremos o resultado de atividades teóricas práticas desenvolvidas em sala de aula no Ensino Fundamental, com crianças de 9 a 12 anos, com o propósito de envolver os sentidos.

1. Teoria e prática na sala de aula a partir das obras de Hélio Oiticica

Hélio Oiticica é um artista brasileiro, que entre os anos de 1960 a 1980, questiona o sistema das artes e propõe múltiplas ações, que vão da pintura, instalação, performance, happenings e proposições. Suas obras provocam, instigam e convidam o espectador a participar. O corpo se faz presente em muitas de suas obras, envolvendo os sentidos. É possível observar obras que saem definitivamente do espaço das galerias, dando assim, mais ênfase ao processo de aproximação do público, fazendo com que muitas vezes o espectador passe a ser a obra ou parte da mesma, conforme afirma Freire (2006: 21), “(...) o público, que Helio Oiticica chama de participante, é o motor da obra e assume com



Figura 1 · Nildo da Mangueira, com Parangolé, 1964. Fonte: www.digestivocultural.com

Figura 2 · *Tropicália* de Hélio Oiticica. Fonte: http://obviousmag.org/my_cup_of_tea/2015/03/arte-brasileira-antropologia-cultural-e-o-movimento-tropicalista.html#ixzz48g83LFHG, Pesquisada em: 10-05-20116.

Figura 3 · Brincadeira da estátua. Fonte: Arquivo Pessoal, 2015.

sua negação à passividade uma posição crítica na dimensão ética e política”.

O ambiente onde a obra acontece, há uma pluridisciplinariedade de atividades, aonde o corpo, o objeto e a proposta se auto relacionam, é o corpo do espectador e não somente o olhar que se insere, criando uma participação ativa do espectador ao qual vai manipular e explorar em um certo espaço o objeto em si apresentado, conforme podemos observar na imagem a seguir, em que o rapaz veste o “Parangolé”, obra de Hélio Oiticica que tem como objetivo instigar a participação do público. A obra só acontece com esta participação e é no movimento que podemos perceber, cor, forma, composição.

A participação do público, em alguns momentos faz com que a utilização do seus sentidos, como o tato, o paladar, o olfato e a audição, se relacionem ativamente, podendo transpor suas ações como, percorrê-las, vesti-las, agarrá-las e comê-las, em fim, de todas as formas possíveis de experimentações, sendo assim, o participante troca de função em alguns momentos, passando da função apenas de admiração para criador, pois ele desenvolve na sua característica de ativo na obra, função de interpretação para o de experimentar. Sem a participação, a obra é somente objeto.

A partir da contextualização e leitura de imagens das obras do artista, propusemos atividades práticas para crianças do ensino fundamental. Apresentamos para elas o artista e falamos sobre os diversos materiais que o mesmo utiliza para realizar suas obras, como é o caso da obra denominada “Tropicália”, a qual pode ser descrita como um ambiente labiríntico, com plantas, areia, araras, poemas-objetos, capas de Parangolé e um aparelho de televisão, como podemos ver a seguir.

A partir da apresentação da biografia e obras do artista propusemos atividades que estimulam os sentidos como: o olfato, o paladar, o tato, visão e a audição para realizar em sala de aula e como forma de envolver as crianças nas atividades, utilizamos de brincadeiras e jogos, tendo em vista que;

(...) os jogos constituem uma forma interessante de propor problemas, pois permitem que estes sejam apresentados de modo atrativo e favorecem a criatividade na elaboração de estratégias de resolução e busca de soluções. Propiciam a simulação de situações-problema que exigem soluções vivas e imediatas, o que estimula o planejamento das ações; possibilitam a construção de uma atitude positiva perante os erros, uma vez que as situações sucedem-se rapidamente e podem ser corrigidas de forma natural, no decorrer da ação, sem deixar marcas negativas. (Brasil, 1997: 46)

Realizamos vários jogos com as crianças, procurando envolver os sentidos, entre eles podemos citar telefone sem fio, telefone mudo, passa anel, cachorro e o osso, bom dia, estátua.

A brincadeira da estátua foi realizada com o intuito de fazer eles perceberem como a concentração para o sentido é necessária, com os olhos fechados, as crianças deveriam formar um círculo. Sendo que no centro deveria ficar uma com os olhos vendados, e contar bem devagar até 5. Ao final da contagem deve gritar; “Estátua!”, e as crianças da roda devem ficar imóveis, enquanto ela tenta achar o colega mais próximo. Quando achar, terá que adivinhar, com a ajuda do tato, o colega que encontrou. A criança identificada deve ser a próxima a ficar no centro da roda. Caso não consiga identificar o colega, paga uma prenda, que será a imitação de um animal escolhido pela turma.

Percebemos o interesse das crianças em participar, essa participação perante o problema desafiado pelo professor faz acontecer a motivação para os mesmos resolverem, assim cria-se o problema e chega-se ao que se quer alcançar, que é o desenvolvimento crítico e construtivo dos alunos.

A ação no jogo, tanto quanto no problema, envolve um objetivo único que é vencer o jogo ou resolver o problema e, em ambos os casos, o indivíduo se sente desafiado e motivado a cumprir tal objetivo. Atingir o objetivo implica em dominar, em conhecer, em compreender todos os aspectos envolvidos na ação e, portanto, produzir conhecimento. (Grando, 1995, p.77).

Na sequência, realizamos a produção de uma atividade envolvendo o olfato, distribuímos para as crianças um filtro de café para pintarem e desenharem usando a criatividade. Após a conclusão deveriam colocar materiais contendo cheiro, dentro do filtro, como exemplo; café, flor, perfume entre outros. Após todos terminarem a atividade montamos o varal dos cheiros. A seguir podemos ver menina apresentando o desenho em seu filtro e colocando no Varal.

A atividade motivou as crianças, que ficaram encantadas com a possibilidades de utilizarem cheiro para realizarem trabalhos artísticos.

Santos aborda sobre a importância do lúdico no processo de ensino aprendizagem:

O desenvolvimento do aspecto lúdico facilita a aprendizagem, o desenvolvimento pessoal, social e cultural, colabora para uma boa saúde mental, prepara um estado interior fértil, facilita os processos de socialização, comunicação, expressão e construção do conhecimento. (Santos, 2000:12).

Na continuidade das atividades, conversamos com as crianças sobre a questão dos sentidos e das experiências que tivemos, e, propomos fazer um caminho envolvendo agora diferentes sentidos. Ficaram curiosos, como seria possível fazer tal atividade? Explicamos então que colocaríamos no chão um papel

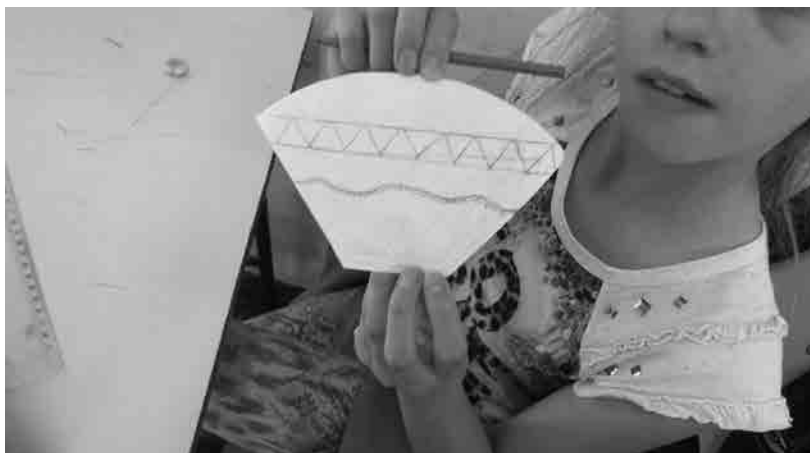


Figura 4 · Estudante mostrando desenho realizado no filtro. Fonte: própria.

Figura 5 · Estudante colocando o seu filtro do cheiro. Fonte: própria.



Figura 6 · Estudantes caminhando no caminho das texturas. Fonte: própria.



Figura 8 · Estudantes ajudando na construção do Caminho das texturas. Fonte: própria.

grande e que colocaríamos sobre ele diferentes materiais, contendo diferentes texturas, como panos, grãos, placas de alumínio, terra, e outros tipos de materiais que tem diferentes relevos, texturas e cheiros. Falamos ainda que após o caminho pronto poderíamos passar no mesmo para perceber estas sensações. Ficaram todos empolgados e se envolveram na elaboração do mesmo, conforme podemos ver a seguir.

Após a conclusão do trabalho todos puderam passar pelo caminho e ficaram maravilhados com a possibilidade de caminhar sobre diferentes materiais e perceberem a diferença entre uma textura e outra, essa experiência foi muito gratificante, todos se envolveram e gostaram das atividades.

Considerações Finais

Podemos perceber que quando planejamos atividades levando em consideração o perfil a ser trabalhado obtemos um resultado mais satisfatório. As atividades propostas, nesta turma, foram pensadas e realizadas levando em consideração a contextualização teórica, leitura de imagem e o fazer artístico, com

isso possibilitamos o conhecimento pedagógico favorecendo a ampliação de experiências e o desenvolvimento da capacidade criadora.

Os trabalhos realizados foram muito criativos e instigaram as crianças a curiosidade. Podemos concluir que quanto maior o estímulo, maior será a capacidade da criança criar e se envolver nas atividades propostas.

Referências

- Brasil Ministério da Educação e do Desporto e Secretaria de Educação Fundamental (1997) *Parâmetros Curriculares Nacionais. Matemática: Ensino de primeira à quarta série*. Brasília: MEC/SEF, 142p..
- Freire, Cristina (2006) "Arte conceitual" . Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed.,
- Grando, R. C. (1995) *O Jogo e suas Possibilidades Metodológicas no Processo Ensino Aprendizagem da Matemática*, Dissertação (Mestrado em Educação, subárea: Matemática). UNICAMP-Campinas.
- Medeiros, Maria Beatriz de. (2005). *Aisthesis: estética, educação e comunidade*. Chapecó: Argos, 185 p.
- Santos, P.S.M. (2000). *Brinquedoteca: A criança, o adulto e o lúdico*. Petrópolis – RJ: Vozes.